

Aprendizagem Infantil através do Construtivismo: ensinar e aprender

NATHALIA CUNHA POLESE *

Resumo

A partir da temática, “a aprendizagem infantil através do construtivismo”, objetiva-se compreender as formas que as crianças aprendem e como os professores constroem essa aprendizagem. Também, tem como meta desmistificar o que se entende como construtivismo e esclarecer o que realmente é essa forma de ensinar e aprender como o professor deve trabalhar a partir desse referencial teórico. Serão abordadas as fases de desenvolvimento motor, verbal e mental; a aquisição da base alfabética. Que conteúdos o professor deve contemplar na Educação Infantil e o papel que ele tem na aprendizagem das crianças. Tendo como principais aparatos teóricos: Teberosky, Ferreiro, Bassedas, Piaget, as escolas de Reggio Emilia e o documento Referencial Curricular para a Educação Infantil.

Palavras-chave: Criança; Professor; Construtivismo; Tempo e espaço.

Abstract

From the theme, "children's learning through constructivism," the aim of this study is understand the ways that children could learn and how teachers improve this apprenticeship. Additionally, this study aims to demystify what is meant about constructivism and clarify what is this way of teaching and learning how teacher should work with this theoretical reference. It will be discuss the stages of verbal, mental and motor development and the acquisition of basic alphabetical basis. Which content should teacher include in early childhood education and the role that it played in children's learning. The main theoretical apparatus used is: Teberosky, Blacksmith, Bassedas, Piaget, Reggio Emilia's schools and document Curriculum Reference's document for Early Childhood Education.

Key words: Child; Professor; Constructivism; Time and space.



* NATHALIA CUNHA POLESE é Pedagoga especialista em Educação Infantil, pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Docente do Ensino Superior, Mestranda em Educação na Universidade Estadual de Minas Gerais.

Introdução

O presente estudo se faz de suma importância por se tratar do “Aprendizado Infantil”, a partir de uma forma diferenciada, divertida, lúdica onde a criança é sujeito de sua aprendizagem. Neste sentido opta-se pela perspectiva do construtivismo interacionista. Uma vez dentro desta perspectiva cabe-nos entender o que é o construtivismo. O construtivismo é uma teoria que explica os processos de aquisição do conhecimento e o desenvolvimento cognitivo, elaborado pelo suíço Jean Piaget.

No presente estudo, há necessidade de compreendermos os pressupostos que subsidiam o construtivismo sócio interacionista. Em primeiro momento, torna-se válido conhecer as fases do desenvolvimento motor, verbal e mental, a partir do estudo feito por Piaget. Ferreiro auxilia-nos a entender a aquisição da base alfabética; as respectivas idades em que as crianças devem estar para desenvolver certa atividade, mesmo não sendo uma regra a ser ditada e seguida, pois cada criança é única e esta em um processo de alfabetização diferenciado. É importante sim, conhecer as fases em que elas se encontram. Detectar as hipóteses, as características de cada idade. Como cada criança tem uma maneira única de solucionar as situações problema, e uma idade cognitiva para isso. Através desta solução de problemas, ela estará construindo seu conhecimento, e aprendendo juntamente com colegas através da socialização e interação. É nesse processo que o educador deve estar presente e com o aparato



necessário aos alunos, dando-lhes o suporte, as problemáticas, os diferentes materiais – várias formas de texto, apropriação de diferenciadas folhas, sucatas, argila –, a exploração das diferentes linguagens, para que a criança construa seu conhecimento, seu raciocínio lógico, sua personalidade, da melhor forma. E para tecer algumas considerações importantes neste estudo, torna-se relevante ver qual é a diferença entre se educar na teoria construtivista e no método tradicional.

1. O Construtivismo a partir dos estudos Piagetianos

O construtivismo é uma teoria que explica os processos de aquisição do conhecimento e o desenvolvimento cognitivo, elaborado pelo suíço Jean Piaget. A partir dos estudos feitos por ele, tornou-se evidente que a aprendizagem é um processo que se dá através de aproximações sucessivas e não de forma acumulativa e homogênea, como se supunha. Com o passar do tempo, foi-se desenvolvendo muitas propostas de ensino, ou prática pedagógicas que se apóiam nas formulações que Piaget desenvolveu através de suas pesquisas.

Para FERREIRA,

Piaget foi o primeiro teórico conhecido no Ocidente a demonstrar que a inteligência se desenvolve, a partir de um primeiro esquema, de ordem mental, que a criança ao nascer, já traz na sua bagagem hereditária e que será alterado a cada um dos estádios de desenvolvimento cognitivo (2000, p.5).

O construtivismo não é método de ensino, com etapas pré-fixadas, só se passa de uma etapa a outra quando a primeira já esta solidificada e cumprida. Já uma proposta pedagógica, que tenha por base a teoria construtivista de aprendizagem, não poderá jamais estabelecer etapas rígidas, porque se sabe que a aprendizagem não se dá por superposição, mas por grandes reformulações cognitivas. Esse processo depende de dois fatores principais: as capacidades do aluno e suas experiências prévias.

Desde que a palavra construtivismo começou a fazer parte do cotidiano pedagógico dos educadores, escuta-se que o construtivismo não é um método mas, entende-se de forma equivocada que, se não há um método, então as crianças podem fazer o que quiserem o no momento que elas definirem, mas isso não é verdade. O fato de não ter uma seqüência pré-fixada e rígida não quer dizer que não haja formulações didáticas precisas que devem ser consideradas para se ensinar uma criança. A teoria construtivista para ser refletida, transformada, adaptada e adequada.

Essa definição de educação construtivista pode ser apresentada em três palavras: interesse, experimentação e cooperação.

2. O ensinar e o aprender através da teoria sócio-interacionista: Piaget, Ferreiro, Teberosky

O professor construtivista percebe as crianças e vê o que elas fazem espontaneamente, observa o que atrai seus interesses e propõem atividades instigantes, a fim de que as mesmas colaborem com idéias a respeito do que realmente querem aprender e dá oportunidades para que isso ocorra.

Conforme o documento RCNEI, o

sujeito da aprendizagem constrói seus conhecimentos:

[...] As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. (...) No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem idéias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação. (1998, p. 21 e 22).

A partir dos conhecimentos e da construção destes, podemos perceber as fases do desenvolvimento cognitivo das crianças, e o que devemos propor para que isso ocorra. De acordo com os estudos dos autores Piaget, Ferreiro e Teberosky, há necessidade do professor considerar os seguintes aspectos para se apropriar da teoria construtivista:

1. Observar o que as crianças fazem espontaneamente – as questões mais importantes são o que elas fazem espontaneamente feitas pelas crianças. Nem sempre elas as fazem verbalmente, mas o professor deve observar com atenção e só assim descobrirá o que elas estão perguntando. Identificar essas questões dará forma para que o professor faça a melhor intervenção.

2. Propor atividades instigantes – ocorre quando apresentamos materiais às crianças e pedimos a elas que sugiram e demonstrem como poderíamos fazer, observando se isso mantém o interesse delas e se este, torna-se o objetivo traçado pelo

professor. Também pode ocorrer quando planejamos com a turma as atividades futuras e quando consultamos as crianças sobre o que preferem fazer.

3. Pedir às crianças que colaborem com as idéias do que realmente querem aprender – é normal que as crianças pequenas não saibam o que querem aprender, não conseguem formular as hipóteses. Quando isso acontece, o professor pode fazer uso do interesse delas por bichinhos de estimação, bichos de jardim, dinossauros, que estejam no seu cotidiano, e perguntar a elas o que querem saber a respeito daquele animal. A partir disso, a responsabilidade do professor é buscar recursos: livros sobre o bicho escolhido, observação do bichinho vivo, laminas para a leitura de imagens, etc. As crianças de quatro anos que estão acostumadas a serem consultadas são capazes de sugerir assuntos sobre os quais gostariam de saber.

4. Oportunizar que as crianças façam suas escolhas – as crianças devem ser capazes de escolher uma atividade a partir das muitas que lhes são oferecidas. As crianças devem ter a liberdade de escolher outras atividades artísticas, jogos, livros e outros materiais para construir objetos e quebra-cabeças. Conforme Alves,

[...] O brincar, para a criança é uma das formas que ela tem para compreender o mundo ao seu redor. A brincadeira infantil constitui uma situação social onde, ao mesmo tempo em que há representações e explorações de outras situações sociais, há formas de relacionamento interpessoal das crianças ou eventualmente entre elas e um adulto na situação, formas estas que também se sujeitam a modelos, a regulações, e onde também está presente a afetividade: desejos, satisfações, frustrações, alegria, dor. (1999, p. 80)

3. As fases do desenvolvimento motor, verbal e mental: a partir dos estudos de Piaget

Para Piaget (1978), o comportamento dos seres vivos não é inato, nem resultado de condicionamento. Para ele, o comportamento é construído a partir de uma interação entre o meio e o indivíduo. Esta teoria é caracterizada como interacionista, quanto mais complexa for essa interação, mais “inteligente” será o indivíduo.

A construção da inteligência, dá-se, portanto, por etapas sucessivas, a isso Piaget chamou de “construtivismo seqüencial”.

A seguir, os períodos em que se dá este desenvolvimento motor, verbal e cognitivo na perspectiva do construtivismo de acordo com FRANCO (1995; p. 41-50):

Período Sensório-Motor: do nascimento aos 2 anos, aproximadamente. A inteligência trabalha através das percepções (simbólico) e das ações (motor) através dos deslocamentos do próprio corpo. É uma inteligência “prática”. Sua linguagem vai da repetição de sílabas à palavra-frase (água, para dizer que quer beber água). Sua conduta social, nesse período, é de isolamento (o mundo é ele).

Período Simbólico: dos 2 anos aos 4 anos, aproximadamente. Neste período, a criança começa a falar, imitar, dramatizar, etc., através da função semiótica. É o período da fantasia, do faz-de-conta, do jogo simbólico. Pode transformar qualquer objeto em algo que seja favorável ao seu prazer, por exemplo, uma tampa se transforma em um carrinho. Na linguagem, todos falam ao mesmo tempo sem que respondam as argumentações uns dos outros. Sua socialização é vivida de forma isolada, mas dentro do coletivo,

também apresenta forte egocentrismo (tudo é “meu”).

Período Intuitivo: dos 4 anos aos 7 anos, aproximadamente. É a “idade dos porquês”, pois a criança pergunta o tempo todo. Distingue a fantasia do real, podendo dramatizar sem acreditar nela. Quanto à linguagem não mantém uma conversação longa, mas já é capaz de adaptar sua resposta às palavras do companheiro. Os Períodos Simbólico e Intuitivo são também comumente apresentados como Período Pré-Operatório.

Período Operatório Concreto: dos 7 aos 11 anos, aproximadamente. Já é capaz de ordenar elementos por seu tamanho (grandeza), incluindo conjuntos, organizando então o mundo de forma lógica ou operatória. Já podem compreender regras, sendo fiéis a ela, e estabelecer compromissos.

4. Aquisição da base alfabética

Baseadas em estudos relacionados à psicolinguística e também apoiadas nas pesquisas de Piaget, Ferreiro e Teberosky concluíram que: as crianças procuram ativamente compreender a natureza da linguagem falada a sua volta e, na tentativa de compreendê-la, formulam hipóteses, buscam regularidades, colocam à prova suas antecipações. O que fazem em relação à fala, fazem também em relação à escrita.

Apresenta-se os níveis elaborados por Ferreiro, organizado por FRANCO (1995: p.41-50):

a) Nível pré-silábico: Primeiro momento – escrever implica reproduzir os traços típicos da escrita, que a criança identifica como “forma básica da escrita”. Pode ser a letra continua; a letra cursiva ou de imprensa. As crianças costumam imitar o

traçado da letra cursiva ou utilizar grafismos separados entre si, compostos de linhas e curvas. Aqui, sempre o que conta mais é a interação do “escritor”, pois todas as escritas são bastante semelhantes: só o autor considera diferente, e, se solicitado, lê o que “escreveu”, usando palavras diferentes.

Segundo momento: a idéia central das crianças passa a ser: para se lerem coisas diferentes (dar significados diferentes), é preciso que existam diferenças entre as palavras escritas. Os traçados passam a ser muito mais próximos as letras. Juntamente com essa idéia, segue a hipótese de que uma quantidade mínima de grafismos é necessária para se compor uma palavra; um ou dois grafismos não são suficientes para ser lidos e não podem compor uma palavra. Passa a haver um controle de quantidade e da variedade de grafismos: é preciso utilizar muitas letras e letras não se repetem.

b) Nível silábico: Esse nível caracteriza-se pela tentativa de se atribuir um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma palavra: a criança passa a usar uma letra para cada sílaba. O fato de se preocupar com essa atribuição de valores não quer dizer que ela o fará convencionalmente: uma letra poderá representar qualquer valor ou pode haver uma atribuição diferente de valores (o B, por exemplo, poderá sempre equivaler ao som do C).

Há um salto grande em relação ao período anterior, pois as

crianças passam a trabalhar com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala. Também é comum que, quando precisem utilizar, de apenas duas letras para escrever palavras com duas sílabas, algumas crianças ainda se apóiem na idéia de quantidade mínima de letras e acrescentem mais algumas nesse caso.

c) Nível silábico alfabético: Durante um período a criança ficará convicta da hipótese anterior e escreverá silabicamente o que precisar. Mas acabará entrando em conflito com essa idéia, pois tanto a leitura dessas palavras escritas silabicamente quanto às formas gráficas que estão a sua volta mostram que ela ainda não escreve convencionalmente, que ainda faltam letras para escrever as palavras que deseja.

Nesse momento inicia-se uma transição entre o nível silábico e o nível alfabético. É comum, por exemplo, que a criança oscile entre escritas silábicas e escritas alfabéticas. Esse é um momento muito difícil para muitas crianças, pois elas têm de abandonar uma hipótese na qual, em geral, se mostram muito seguras, justamente quando parece que “as coisas” estão resolvidas atribuindo-se uma letra ou caractere para cada sílaba. Se nossa escrita fosse silábica, como a japonesa, tudo estaria resolvido, mas nossa língua exige uma análise que vai além da sílaba, considerando o fonema como unidade a ser representada.

d) Nível Alfabético: A escrita

alfabética corresponde ao estágio em que a criança descobre como a escrita é representada (o que resulta na compreensão de que cada letra corresponde a um valor sonoro menos do que a sílaba) e vai, aos poucos, realizando uma análise sonora dos fonemas das palavras que quer escrever. A criança não terá problemas de “escrita propriamente dita”, mas os conflitos com o que a rodeiam continuam, porque escrever alfabeticamente não quer dizer escrever ortograficamente, convencionalmente correto. As crianças passam a explicitar essas dúvidas e esse é um momento adequado para que um trabalho com a ortografia possa gradativamente ser iniciado.

5. O construtivismo e a Educação Infantil

A educação infantil ainda é vista como um período da vida, onde as crianças necessitam somente do cuidado, deixando de lado a educação. O elo que cuidado e educação devem ter nessa fase se torna de imensurável importância por se tratar das bases do desenvolvimento cognitivo, motor, verbal e mental. Por isso, a base da personalidade do sujeito. É na Educação Infantil que a crianças se tornará um cidadão que formula hipóteses e que se constroem de fato.

Primeiramente torna-se válido identificar e definir – quem é a criança? Que etapa da vida esta passando? Quem é o sujeito da aprendizagem da educação infantil? Erroneamente, a criança de 0 a 5 anos, ainda é vista como um adulto em miniatura, sendo incapaz de formular suas hipóteses, de se expressar. Na atualidade, infelizmente, ainda nos deparamos com

profissionais desqualificados que não têm uma forma de ensinar e aprender fixadas e estipulas. Tratam as crianças da Educação Infantil como meros expectadores.

Conforme FRANCO (1995) afirma em seu estudo: “estamos pois, admitindo que a vida humana é uma constante vir a ser e que o processo de desenvolvimento implica em uma continuidade, ponto essencial da concepção construtivista” (p. 58). Por isso, existem várias instituições e escolas infantis, mas se formos observar, cada uma adota uma forma de educar e uma maneira de ver a criança em sua totalidade. Sua concepção de educação, sua concepção de cuidado sua concepção do que é ser um educador infantil.

Uma prática condizente com a teoria construtivista deve ser baseada na idéia da interação do sujeito com o meio físico e social. Portanto, trabalhar com os “pequenos” não é simplesmente acompanhar seu crescimento biológico, nem “treiná-los” para que adquiram hábitos sociais, mas possibilitar que estabeleçam uma relação com o meio que os cerca. Por isso o trabalho em creches e pré-escolas deve ser um trabalho educativo. Nesse sentido, Franco (1995, p. 60), diz: “podemos detectar que o desenvolvimento depende da interação que o sujeito estabelece com o meio físico e social, podemos concluir ainda que só se chega ao máximo do desenvolvimento quando trilhamos bem o caminho. Isto é, quando a qualidade das interações estabelecidas for satisfatória para provocá-lo. Daí a responsabilidade de quem trabalha com crianças”.

Conclusão

As vivências na Educação Infantil tornam-se de fato a base para o desenvolvimento cognitivo, motor,

verbal e mental. Durante a Educação Infantil a criança passa a ser sujeito da sua ação, que constrói sua autonomia, sua cidadania, sua educação, sua socialização e seus conhecimentos através da interação. A partir das situações lúdicas e dos momentos em que a criança de fato brinca, ela está construindo seu conhecimento, de uma maneira única e prazerosa. Se o sujeito faz o que lhe traz prazer, ele jamais irá esquecer o que aprendeu.

Através deste estudo, pode-se dizer que a teoria construtivista-interacionista, propõe o aprendizado das crianças em um mundo letrado o educador e o educando saem com ganhos positivos e sentem prazer em estar em um contexto onde os mesmos são os agentes do processo educativo, e pode-se educar e transmitir o conhecimento de maneira recíproca, divertida, lúdica e única.

O resultado vem através das crianças que amam o que fazem, que estudam, apreciam os livros, as obras artísticas, vão à escola com prazer e esperam pelo momento de estar em contato com esse ambiente escolar.

A partir de uma organização bem elaborada e da satisfação em ensinar e aprender, mantemos uma prática pedagógica de qualidade, conseguindo chegar aos objetivos traçados pelo corpo docente. Em uma instituição onde todos estão satisfeitos com o trabalho elaborado, tanto professores, quanto alunos, o resultado tende a ser um: uma educação bem feita, de qualidade e principalmente, com uma base sólida para as posteriores etapas que nossas crianças de Educação Infantil passarão.

Para que a organização escolar se concretize é necessário que a instituição tenha seu Projeto Político Pedagógico bem elaborado, seguindo uma teoria e uma forma de ensinar/aprender

condizente com o contexto em que as crianças estão situadas. Por isso, o corpo docente deve ter uma formação inicial, tendo um elo entre teoria e prática, e manter esse estudo através da formação continuada.

Referências

BARBOSA, M.C.S. Por amor e por força: rotinas na educação infantil. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

BASSEDAS, Eulália, Huguet Teresa e Sole Isabel. *Aprender e Ensinar na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

DEVRIES, Rheta, Betty Zan, Carolyn Hildebrandt, Rebecca Edmiaston e Christina Sales; trad. Vinicius Figuera. *O currículo construtivista na educação infantil* .- Porto Alegre: Artmed, 2004.

EDWARDS, Carolyn, Lella Gandini e George Forman, trad. Dayse Batista. *As cem linguagens da criança; a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. – Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1999.

FERREIRA, Maria Cecília Iannuzzi. A formação de conceitos na criança. Revista Psicopedagogia – 19/53, dez. 2000.

FRANCO, Sergio Roberto Kieling. O construtivismo e a Educação. 4ª ed. (revista ampliada), Porto Alegre, Mediação, 1995.

GARTON & PRATT. *Aprendizaje y proceso alfabetización. El desarrollo del lenguaje hablado y escrito*. Barcelona: Paidós/mec, 1991.

HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil. – Porto Alegre: Artmed, 2004.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. Piaget e o processo de alfabetização. 2 ed. – São Paulo: Pioneira, 1987.

Referencial Curricular para a Educação Infantil. Volumes: 1,2 e 3.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VIGOTOSKY, Lev Semenovich. Linguagem Desenvolvimento e aprendizagem; tradução Maria da Penha Villalobos. – São Paulo: Ícone, 2001.

WELLS, G. *Language, learning and education*. Center for the Study of Language and Communication. Universidade de Bristol, 1982.

VIGOTOSKY, Lev Semenovich. Linguagem Desenvolvimento e aprendizagem; tradução Maria da Penha Villalobos. – São Paulo: Ícone, 2001.